

# A REFLEXÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO CONCEITO DE MEMÓRIA NA PRIMEIRA PARTE DO SÉCULO XX

Valdeí Lopes de Araújo

*É porque, repassando na memória essa melhor porção de minha vida, alheio-me tanto ao presente que revivo hora por hora aqueles dias de ventura, como de primeiro os vivo, ignorando o futuro, e entregue a todo às emoções que sentia outrora.<sup>1</sup>*

José de Alencar

Os fenômenos mnemônicos parecem ter exercido um fascínio constante sobre o gênero humano. No ocidente, os gregos foram os primeiros a construir explicações de mundo e mesmo sistemas gnoseológicos sustentados sobre a memória.<sup>2</sup> Desde então *Mnemosine* transforma-se em tema recorrente no pensamento ocidental.

Na passagem do século XIX para o século XX, ocorre uma multiplicação das teorias que buscam compreender a memória. Esse interesse denuncia as profundas transformações que ocorriam na vivência cotidiana da memória e do tempo. É procurando perceber as relações entre estas transformações e a reflexão sobre a memória que abordaremos a produção de alguns de seus principais teóricos, a saber: Halbwachs, Bergson e Proust.

A partir da segunda metade do século XIX, uma miríade de transformações ocorrem, modificando o cotidiano dos habitantes dos grandes centros urbanos. A segunda revolução industrial encantou os sentidos com as grandes realizações do progresso técnico. Exércitos de camponeses deslocaram-se em direção às cidades que cresciam exibindo o luxo das vitrines, as chaminés fabris e a miséria dos subúrbios operários, signo inconteste da nova civilização em forja.

No campo das ciências, novas teorias surgiam prometendo desvendar os segredos da natureza e do homem. Na biologia, o Evolucionismo. Nas ciências do homem, o Positivismo que prometia estabelecer as leis da física social. Em literatura, o Realismo/Naturalismo pretendia dissecar a alma humana e descrevê-la tal como de fato era. A Realidade

maquinal do universo fabril parecia penetrar as grandes almas do tempo. O real era lido como um grande organismo racional.

Com o acirramento do êxodo rural, um novo homem vinha habitar as cidades. Um homem recém-saído de um universo holístico, onde as relações interpessoais eram regidas pelo hábito e pelo costume. No mundo rural, a memória serve como garantia de identidade comunitária, ela é viva e presente.

A vida nas grandes cidades significava um imenso ganho de liberdade. O anonimato dos grandes centros urbanos garantia a possibilidade de inovação, de ruptura com as tradições, sem que isso implicasse a censura do olhar comunitário. O desprendimento caracteriza este homem desgarrado de suas origens, vivendo em um mundo dessacralizado, onde o espaço já não respeitava a divisão entre sagrado e profano.

Habitar as cidades significava ter uma nova experiência do tempo, abandonar o que ainda havia de místico, mnemônico e cíclico no tempo rural e vivenciar o *time is money*, o tempo racional, medido pela produtividade do trabalho ou pela cronometria científica.

A cidade da virada do século trazia ainda as inovações do cinema, da fotografia, a vulgarização do transporte ferroviário etc., experiências que relativizavam, através de suas *ilusões*, a vivência cotidiana e *natural* do tempo.

Acompanhado o desenvolvimento da Biologia e das *ciências duras*, as ciências humanas proclamam um novo otimismo, a possibilidade de desvendar os segredos do comportamento humano e estabelecer suas leis de causalidade. A certeza no progresso da

humanidade era confirmada pela Sociologia nascente, a *Física Social* que pretendia ordenar a nova civilização urbana. Ao lado deste otimismo *Fin-de-Sièclè* iremos encontrar a nostalgia das origens e o mal-estar causado pela vida urbana civilizada.<sup>3</sup>

A história dos últimos três séculos tem sido marcada por momentos de grande objetividade e outros onde a subjetividade aflora com mais força. Ao Classicismo reage o Romantismo, ao Realismo/Naturalismo reage o Simbolismo.<sup>4</sup> Mais que uma sucessão, parece haver, em especial na virada do século, uma simultaneidade destas tendências.

Podemos dividir a reflexão sobre o conceito de memória, ao menos para efeito de trabalho, em dois grupos. O primeiro procura dar ênfase aos aspectos objetivos do fenômeno, buscando explicá-lo por seu conteúdo coletivo. O segundo busca uma abordagem da memória como fenômeno individual, salientando seus aspectos subjetivos.

Teremos, então, de um lado a memória coletiva, trabalhada por Maurice Halbwachs — discípulo de Durkheim — que representa o anseio por objetividade; e de outro lado a memória individual, estudada pelo filósofo Henri Bergson em oposição ao objetivismo das ciências *duras*, em nome da liberdade individual e da subjetividade. Bergson sistematiza toda uma sensibilidade de época que vai desde a literatura Simbolista de Mallarmé, Proust e Yeats ao Impressionismo nas artes plásticas e a música de Claude Debussy.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) desenvolveu seu trabalho em um tempo em que a Sociologia buscava consolidar sua posição entre as ciências humanas tradicionais. Em seu livro póstumo *A Memória Coletiva* é possível notar sua constante preocupação em delimitar o objeto *memória* de tal forma que o excluísse das pretensões de outras disciplinas, sejam elas a Filosofia, a Psicologia ou a História.

Nenhuma outra reflexão sobre a memória obteve tanta repercussão no século XX quanto a de Halbwachs. A Sociologia e a História ali buscarão subsídios para uma série de trabalhos que se tornarão clássicos, fazendo de sua obra referência obrigatória nos estudos sobre a memória.

A Sociologia nasce com Comte e Durkheim preocupada em responder os novos problemas colocados pelo surgimento da sociedade de massas nas grandes cidades européias. Durkheim, em especial, dedicou

grande parte de sua obra ao estudo das transformações advindas da nova organização capitalista do trabalho.

Para Durkheim, a passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbana/capitalista marca a transição de formas de solidariedades orgânicas a formas de solidariedades mecânicas. No mundo rural, o elemento de ligação entre os indivíduos era dado pelo sentimento de corpo, de pertencerem a uma mesma comunidade e terem tradições e memória comuns. No mundo citadino moderno, os antigos laços comunitários são rompidos, a memória é substituída em parte pela *História Nacional* que busca conferir unidade, ainda que frágil, a um corpo político e geograficamente delimitado.

Uma das missões que a Sociologia assume em seus primórdios é fazer com que o indivíduo sinta-se novamente parte de um organismo social. Para isso ela tentará mostrar que a vida individual é forjada pelas pressões da coletividade, que o indivíduo nada mais é que um reflexo do meio social.

É natural que a Sociologia tenha buscado os fenômenos coletivos como objeto de análise. A História e a Psicologia tradicionalmente tratavam dos fenômenos individuais e particulares. A pretensão à cientificidade força a disciplina nascente a dedicar-se aos fenômenos coletivos, pois poderiam ser mensurados e comparados em grades estatísticas, ganhando assim *ares* de cientificidade.

É tendo esta tradição em mente que Halbwachs desenvolve seu trabalho sobre a memória.<sup>5</sup> No início de seu livro *A Memória Coletiva*, o autor desenvolve uma argumentação que busca negar a existência de uma memória individual. Para Halbwachs a memória é resultado de um anseio de comunhão afetiva. Lembramos porque podemos nos apoiar na memória dos outros. A força de minha memória está relacionada aos acontecimentos aos quais se refere, quanto mais coeso e presente for o grupo onde vivenciei este acontecimento mais forte será minha lembrança.

Conceitualmente, a memória individual só pode existir como um ponto de vista pessoal sobre a memória do grupo. Minha memória individual é o conjunto de lembranças experimentadas em grupos distintos, e como cada sujeito transita em grupos diversos, sua memória apresentam coleções de diferentes recordações

A memória individual, a partir da análise

de Halbwachs, pode ser reduzida e explicada pela memória coletiva. O comportamento individual está sujeito a leis de causalidades sociais, logo a liberdade pessoal é limitada por um determinismo coletivo. Para Halbwachs, assim como para Durkheim antes dele, a liberdade individual é uma ilusão metafísica.

Com esta primeira delimitação, o autor retira de cena a Psicologia e a Filosofia que vinham tratando a memória como um fenômeno individual. Ao polemizar com Bergson, Halbwachs mostrou que estava disposto a monopolizar o fenômeno da memória para os estudos sociológicos.

Na segunda parte de seu livro, será a História o alvo de seus ataques, para isso procura diferenciar memória coletiva e memória histórica. Na primeira, há um reviver da experiência passada vivida pessoalmente pelo sujeito. O tempo é anulado, não existindo diferença entre passado e presente. A memória histórica, ao contrário, é aprendida, baseia-se no relato indireto de experiências vividas em épocas passadas por outras pessoas, ela não se apoia na memória vivida do sujeito que se lembra.

A memória coletiva marca a permanência de tradições e costumes de um determinado grupo, sua história vivida. A lembrança proporcionada por esta memória é rica em detalhes e emoções que permitem ao pensamento conservar e reencontrar a imagem de seu passado.

Para Halbwachs, memória histórica é o conjunto de eventos que marcam a história nacional, é claro que aqui ele não considera a renovação do campo historiográfico que já, naquele momento, se desenvolvia na França com Marc Bloch e Lucien Febvre, embora ele os conhecesse bem.<sup>6</sup>

A memória coletiva faz-se indispensável, pois a história nacional é muito fria e distante, incapaz de gerar fortes laços de identidade. Assim como entre a nação e o indivíduo existem muitos outros grupos menores e mais coesos (família, trabalho, clube, etc.), também existe uma memória mais relevante construída por estes grupos: a memória coletiva.

A história começa quando enfraquece a memória e a tradição, momento em que se apaga a memória social, por deixar de existir um grupo como suporte, fazendo-se necessário fixá-la institucionalmente em uma narrativa escrita.

Diferente da memória, a história só existe a partir do momento em que haja uma

diferença clara entre passado e presente, é esta diferença que a constitui e que inexiste na memória coletiva. Enquanto a memória busca identidades, durações e origens, a história se ocupa do novo, da ruptura e da descontinuidade.

A história procura construir uma memória única, total, a memória do estado-nação. A memória coletiva, ao contrário, é plural e parcial, cada grupo constitui uma memória particular.

Por fim, cabe ressaltar a importância dada por Halbwachs ao espaço como depositário da memória coletiva. As ruas, os monumentos, praças, enfim, o espaço socialmente construído, são signos da permanência das tradições, da continuidade das relações afetivas neles investidas. A presença da materialidade do espaço traz um sentimento de segurança e estabilidade, imprescindíveis à memória coletiva dos grupos sociais.<sup>7</sup>

Halbwachs, preocupado com a dissolução e instabilidade do mundo moderno, via na solidez do espaço físico um elemento importante na busca de novas formas de solidariedade.

Outro grupo de reflexões sobre a memória concentrará seus estudos nos aspectos individuais. Neste grupo, destaca-se a figura do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941).

Podemos dizer que a obra filosófica de Bergson aparece como resposta ao racionalismo positivo da virada do século. O autor irá defender em seus inúmeros livros a existência de uma área do saber, na qual o pensamento positivo não consegue penetrar. Esta esfera de saber caracterizada pelos aspectos subjetivos e espirituais do ser humano só pode ser acessada por uma linguagem especial proporcionada pela metafísica, tendo por base não a inteligência pragmática, teleológica, mas a intuição enquanto método filosófico.<sup>8</sup> É importante perceber que a noção de intuição será exaustivamente trabalhada por Bergson e ocupa um importante lugar em seu sistema filosófico.

Bergson não estava sozinho na reação ao racionalismo. Na música e artes plásticas o Impressionismo rompia com a pretensão de retratar, objetivamente, a natureza e partia em busca da impressão interior, pessoal, que deveria ser comunicada por uma nova linguagem menos objetiva e mais metafórica. O mesmo ocorre em literatura com o

aparecimento dos primeiros escritores simbolistas. Na França Paul Valéry, Mallarmé, entre outros, formularão os pressupostos da nova escola.

O Simbolismo procurou resgatar a liberdade heróica do indivíduo, esse mesmo indivíduo que havia sido reduzido a uma série de causalidades, sociais, genéticas ou históricas pelo Realismo/Naturalismo. Contra uma concepção organicista e racional de mundo opõem uma visão mística e individual.

A reflexão de Bergson sobre a memória pode ser lida neste contexto. Dois livros, entre os mais importantes no conjunto de sua obra, resumem suas reflexões sobre a questão: *Matéria e Memória* (1897) e *O Pensamento e o Movimento* (1934). No título do primeiro livro o autor deixa claro sua posição, a memória corresponde aos aspectos imateriais da vida humana, matéria e memória são pólos opostos, embora complementares.

Bergson não questiona a validade e necessidade do pensamento guiado pela inteligência abstrata, o que ele questiona são os seus limites. Os conceitos da inteligência surgem das necessidades humanas, eles permitem aos homens agir sobre o mundo através de símbolos. Estes símbolos-conceitos nascem da abstração de certas características comuns aos objetos que nominam e por isso mesmo não se referem a nenhum objeto particular.

Ora, diz Bergson, a todo o momento lidamos com objetos concretos, com sentimentos únicos. Como apreendê-los em sua essência, no que possuem de singular. Como fazer o pensamento coincidir com o ser? A resposta está na intuição, faculdade que deve ser o método da metafísica. Entretanto, como comunicar a intuição senão através de símbolos-conceitos. A metafísica não pode abandonar os conceitos, deve adaptá-los, torná-los móveis, metafóricos de modo a moldarem-se às formas da intuição.

A memória é um importante componente da metafísica bergsoniana. Assim como contrapõe inteligência e intuição, Eu superficial e Eu profundo, Bergson irá contrapor *memória-hábito* e *memória-recordação* (*mémoire-souvenir*). Da mesma forma que a inteligência, a memória-hábito está relacionada com as necessidades cotidianas. Ela pode ser explicada por determinações causais do tipo estímulo-resposta. O sujeito responde aos estímulos do meio vasculhando, na memória, aquelas experiências mais úteis a determinado

momento.

<sup>9</sup>A memória-recordação, por sua vez, não possui caráter seletivo, ele é total, armazena todo o passado sem intenção utilitária. A memória-recordação é mais presente, quanto menor for as pressões da vida cotidiana. Ela manifesta-se nos momentos em que nossa atenção à vida enfraquece, como por exemplo, durante o sono, momento em que o inconsciente aflora.<sup>9</sup>

A memória-recordação chega a assumir um caráter místico. Certas personalidades especiais, desprendidas das necessidades mundanas, conseguem atingir o fluxo infinito da memória-mundo, onde passado e presente são uma mesma realidade. Este tipo de reflexão mística sobre a memória foi muito comum entre os escritores simbolistas. O poeta irlandês Yeats escrevia em 1901, que

*...nossas memórias são parte de uma grande memória, a memória da própria natureza. ... essa grande mente e memória podem ser evocadas por símbolos.*<sup>10</sup>

Bergson é consciente da articulação entre memória-hábito e memória-recordação. A primeira é contida pela segunda. O corpo, em especial os aparelhos sensórios motores, principalmente o cérebro, articulam estes dois níveis. Para exemplificar essa relação, Bergson nos mostra o diagrama de um cone. A base representa a memória-recordação, a totalidade do passado armazenado pelo sujeito, espaço do imaterial e inconsciente. O vértice representa os sentidos e seus aparelhos direcionados para o plano oposto a base do cone e que representa a realidade vivida, o plano consciente. Os estímulos do meio atingem os sentidos, que acionam um trabalho de seleção entre as lembranças que emergem da base do cone, deixando emergir aquelas mais úteis ao estímulo.

Para Halbwachs, o problema da memória é suas formas de conservação. O grupo tem importância porque funciona como depósito da memória. Para Bergson, o problema da memória não está na sua conservação, ela é totalmente preservada em cada indivíduo, sua questão é o esquecimento motivado pelo pragmatismo da vida moderna que não permite a memória aparecer em sua plenitude.

Um bom exemplo do contraste entre Halbwachs e Bergson é forma como cada um tenta explicar a presença mais forte da memória entre os velhos. Para Halbwachs, isso ocorre em virtude da divisão social do trabalho, os

velhos, por não se dedicarem mais às funções cotidianas, passam a ser os guardiões da memória do grupo. Para Bergson, o fenômeno se deve ao fato de os velhos não serem mais afetados tão intensamente pelas necessidades da vida cotidiana, com menores preocupações pragmáticas a memória-recordação tem melhores condições para se manifestar.<sup>11</sup>

Comparando Bergson e Halbwachs, podemos perceber que os dois tentam dar respostas diferentes aos fenômenos da sociedade de massas e do crescimento dos centros urbanos.

Em Halbwachs o problema está na falta de coesão social, na necessidade de se estabelecer novas formas de solidariedade entre os grupos. O indivíduo deve sentir-se absorvido pela sociedade, compreender-se como produto de seu meio social. A liberdade torna-se uma ilusão.

Em Bergson, a coletividade aparece como uma prisão para o indivíduo, ele deve buscar romper com o senso-comum, afirmando sua individualidade psíquica. O Eu superficial pode ser determinado por leis de causalidade, mas o Eu profundo, em sua essência, é imponderável, livre. O objetivo de sua filosofia é fazer com que o homem possa libertar-se da ditadura das massas, do sonambulismo gerado pelos modismos da sociedade. Em *Matéria e Memória* ele nos dirá que pôr-se à vontade na sociedade é pôr-se no *tom*, abandonar-se aos seus determinismos e esquecer-se deste abandono.

Com posições muito próximas das de Bergson encontramos o romancista francês Marcel Proust. Sua mais importante obra intitula-se *Em busca do tempo perdido*, uma série de livros onde um dos temas centrais é a questão da memória e do tempo, companheiros e instrumentos na busca da verdade.

O conjunto dos livros que compõem o romance retratam a trajetória da vida de seu narrador/protagonista. Proust, paralelamente, retrata as transformações ocorridas na sociedade francesa, motivadas pela I Guerra Mundial e pelo caso Dreyfus.<sup>12</sup> O narrador observa as transformações dos grandes salões da aristocracia. Vê como a velha nobreza desgastada é assimilada pelo *nouveau riche* burguês. Mas tudo isso é paisagem, o real tema do romance é a busca da verdade, daquilo que resiste ao tempo.

Na sua busca do intemporal, o autor encontra, na memória, um dos seus principais instrumentos. No último volume do romance

intitulado *O tempo redescoberto*, o autor desvendará os segredos das sensações mnemônicas que o perseguiram em determinadas situações:

*Ora, essa causa, [da felicidade que o invadia] eu o adivinhava confrontando entre si as diversas impressões bem-aventuradas, que tinham em comum a faculdade de serem sentidas simultaneamente no momento atual e no pretérito, o ruído da colher no prato, a desigualdade das pedras, o sabor da madeleine fazendo o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão é lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o dia antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo. Assim se explicava que, ao reconhecer eu o gosto da pequena madeleine, houvessem cessado minhas inquietações acerca da morte, pois o ser que me habitara naquele instante era extratemporal, por conseguinte alheios as vicissitudes do futuro.<sup>13</sup>*

Somente a beleza destas linhas nos permite uma citação tão longa.

Proust, assim como Bergson, distinguirá duas modalidades de memória. A primeira denominou memória-voluntária. Esta aproxima-se da memória-hábito bergsoniana, ela é despertada pelas necessidades do cotidiano. Ela aparece no romance sempre como a constatação de uma perda, demarca uma linha nítida entre o passado e o presente, fazendo com que a passagem do tempo seja sentida com uma agudez atrás. A memória-voluntária é sempre signo do tempo perdido.

A segunda modalidade de memória Proust chamou memória involuntária. Esse tipo de memória independe da vontade consciente do sujeito, ele é sugerida por acontecimentos corriqueiros que, por alguma relação de analogia, liga-se a eventos pretéritos. Proust exemplifica este tipo de memória em seu romance pelas famosas passagens do *sabor de madeleine* que remete à infância em Combray, a desigualdade das pedras do calçamento em frente a residência dos Guermantes que o remete à Veneza, etc..

A memória involuntária oferece ao artista as intuições para a criação, a experiência

instantânea do eterno. A sensação da memória, em si, é incomunicável, o artista deve tentar através dos aspectos materiais de sua obra sugerir ao leitor novas intuições.

Proust, assim como Bergson, via as mudanças rápidas pelas quais passavam a sociedade da virada do século de forma negativa. Vê uma França derrotada e dividida, perdendo suas tradições com o avanço de uma burguesia superficial e de um operariado massificado. Sua vontade de verdade e duração pode também ser lida como uma resposta à morte da sociedade em que vivia. A solução que encontra é criar, ser artista e através da obra encontrar o eterno, fugindo à morte que a tudo devora.

#### BIBLIOGRAFIA:

- BACHELARD, Gaston — *A Dialética da Duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- BENJAMIN, Walter — "A imagem de Proust". In.: \_\_\_\_\_, *Magia e Técnica, Arte e Política* (Obras escolhidas V. 1). São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGSON, Henri — *O Pensamento e o Movente*. In.: *Obras escolhidas, Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BERGSON, Henri — *Matière et Mémoire*. In.: \_\_\_\_\_, *Ouvres Completes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.
- DELEUZE, Gilles — *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- DELEUZE, Gilles — *Le Bergsonisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.
- HALBWACHS, Maurice — *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- LAINO, André, "Bergson e Halbwachs: retomando um debate". In.: *Revista Tempo Brasileiro*: Rio de Janeiro, vol. 1 No. 1 1962.
- PROUST, Marcel — *O Tempo Redescoberto*. São Paulo: Globo, 1992.
- WILSON, Edmund — *O Castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.
- VERNANT, Jean-Pierre, "Aspectos míticos da memória e do tempo" In.: \_\_\_\_\_, *Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

#### NOTAS:

1 - Alencar, José de — *Lucíola*. In.: *Ficção completa e outros escritos*. Vol. 1 Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

2 - Vernant: 1990 pp. 107-132.

3 - No mesmo momento em que Viena se moderniza adquirindo seu rosto burguês, Freud produzirá sua teoria das neuroses, apontando os limites da civilização e as influências das pulsões e desejos inconscientes na vida cotidiana. Freud também dedicará um largo espaço em sua obra para o estudo da memória, como por exemplo, seu livro *Psicopatologia da vida cotidiana*, onde estuda os fenômenos corriqueiros, envolvendo o esquecimento e a lembrança.

4 - Wilson : 1993, p. 12-14.

5 - Sobre as relações entre Durkheim/Halbwachs, Tarde/Bergson ver o artigo "Bergson e Halbwachs: retomando um debate" de André Laino na *Revista Tempo Brasileiro*, RJ: No. 87, Out-Dez. 1987.

6 - Halbwachs e os fundadores dos Annales lecionaram na Universidade de Estrasburgo. Além disso, Halbwachs refere-se em seu livro a um artigo de Marc Bloch publicado em 1925, na *Revue de Synthèse historique* intitulado "Memória Coletiva, tradições e costumes".

7 - Apesar dos esforços de Halbwachs, os historiadores ocuparam-se, cada vez mais, dos fenômenos mnemônicos. É certo que a abordagem histórica é, em grande parte, devedora dos trabalhos de Halbwachs, em especial no que se refere aos Annales, que "sociologizaram" suas perspectivas. Um excelente exemplo é o esforço monumental de Piere Nora nos *Lieux des Memoires* que segue as linhas gerais traçadas por Halbwachs.

8 - Segundo G. Deleuze: "L'intuition est la méthode du bergsonisme. L'intuition n'est pas un sentiment ni une inspiration, une sympathie confuse, mais un méthode élaborée, et même une des méthodes les plus élaboré de la Philosophie." (Deleuze: 1968, p.1) .

9- Sobre as diferenças entre a noção de inconsciente em Bergson e Freud ver Deleuze: 1968, p.32.

10 - Wilson: 1993, p. 42.

11 - Esta questão é trabalhada por Eclea Bosi — *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Quero, 1979.

12 - Deleuze: 1987, p. 18.

13 - Proust: 1992, p. 152.